



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Conceitos aristotélicos: uma possibilidade de repensar a educação brasileira

Por: Darciane Barros Leão Cirino (darcienecirino@gmail.com)⁵²

Resumo

A Filosofia como ciência, ao longo da história da humanidade, tem sido primordial na construção de conhecimentos fundamentais à vida em sociedade. Assim, a visão de educação fundamentada em conceitos Aristotélicos, nos ajuda a refletir a problemática educacional que hoje estamos imersos, desde problemas de ordem organizacional, político, estrutural, intelectual até pedagógicos. Temas como a leitura, base fundamental e primordial à educação, pensada não apenas como aquisição do código da língua, mas como fonte formadora de cidadãos críticos e participativos, é apontada como um problema que afeta alunos desde o Ensino Fundamental até a Graduação. A ausência, o desuso e o desconhecimento a respeito da leitura, impossibilita o exercício pleno da cidadania uma vez que não promove e nem garante a todos os cidadãos o uso social dos bens culturais acumulados socialmente. Assim, a discussão que propomos, é de resgatar alguns conceitos fundamentais articulados por Aristóteles, no intuito de refletir sobre os cidadãos da *polis* e o exercício pleno de seus direitos e deveres. Muito mais que informar, é papel da escola preparar o aluno para viver e se integrar de forma significativa na sociedade que está inserido, sendo garantido a ele direitos básicos como de ir e vir, aprender e ensinar, trabalhar, ter acesso a cultura e diversão e principalmente, de atuar e contribuir na construção de uma sociedade mais justa e humana.

Palavras-chave: Aristóteles, política, cultura, escola, leitura.

Resumo

Filozofio, kiel Scienco dum la homara historio, estis esenca instrumento en konstruado de fundamentajn sciojn por vivo en sicio. Tiel, eduka vizio bazitas pri aristotela konceptoj, ĝi nin helpas pripensi edukan problemon kiu hodiaŭ ni estas mergi, detempe de organizaj, politikaj,

52 Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás – UFG, na cidade de Catalão, vinculada à Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Políticas Educacionais e Inclusão, é especialista em Alfabetização pela Universidade Federal de Goiás, especialista em Métodos e Técnicas de Ensino Superior pela Universidade Salgado de Oliveira, na cidade de Ipameri/ GO, especialista em Docência Superior pela FAC LIONS, em Ipameri/ GO é servidora pública municipal da Secretaria Municipal de Educação de Ipameri/ GO e autora de artigos em periódicos científicos nacionais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

struktura, intelekta kaj instruada problemoj. Temoj, kiel ekzemple, legado, fundamenta kaj primara baza eduko, pensita ne nur kiel akiraĵo de lingva kodo, sed kiel trejnada fonto de kritika kaj partoprena civitanoj, punktantas kiel problemoj kiu tuŝas al studentojn de la elementa lernejo kaj gradeco. Foresto, neuzado kaj nescio pri legado, malhelpas plenan ekzercon de civitaneco kiel ĝi ne promocias nek certigas ĉiujn civitanojn socia uzo de amasigitaj socie kulturaj varoj. Do, ni proponas diskuton estas rekuperi kelkajn fundamentajn konceptojn artikita de Aristotelo, por pripensi pri civitanoj el polislaj plena ekzerco de iliaj rajtoj kaj devoj. Multe pli ki informi, estas lerneja funkcio por prepari studentojn por vivi kaj esti signifaj integritaj en socio kiu estas enigita, kaj garantiita ilin bazaj rajtoj, kiel veni kaj iri, lerni kaj instrui, laboro, aliro al kulturo kaj distro kaj ĉefe, por agi kaj kontribui en la konstruado de pli justa kaj homa socio.

Ŝlosilvortoj: Aristóteles; Politiko; Kulturo; Leinejo; Legado.

Abstract

The authors not forwarded the Summary. We're sorry!

Em um mundo globalizado, repleto de tecnologias, onde a informação tem sido sobreposta ao conhecimento e a imagem ao texto escrito, se faz necessário retomar alguns conceitos fundamentais evidenciados na *pólis* grega com o intuito de resgatar o bem comum que geralmente não tem lugar na sociedade moderna e na democracia brasileira. Assim, de acordo com Chauí (2008, p. 62), vivemos sob o signo da telepresença e da teleobservação impossibilitando-nos de diferenciar o que é aparência e sentido, o que é virtual e real, ou seja, com isso tem-se a perda do sentido da cultura.

Desse modo, o objetivo desta discussão é evidenciar o pensamento grego, sobretudo fundamentado no pensamento aristotélico com o intuito de realizar associações do referido pensamento à possibilidade de retomar fundamentos banalizados e até mesmo abandonados, o que acaba ocasionando problemas vivenciado hoje na sociedade, na política e nas instituições escolares. Compreender o pensamento de Aristóteles verticalizado para a atualidade e para o contexto educacional e cultural, possibilita ressaltar algumas categorias indispensáveis para a compreensão do pensamento grego e do cidadão da *pólis*. Assim, compreender o sentido da ética, política, homem bom, excelência, cultura, educação entre outros



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conceitos é essencial para esta discussão.

De acordo com Vernant (2002, p. 11), a vida política grega é respaldada no debate público aberto para o cidadão da *Pólis*, na *Ágora*, a qual procura-se estabelecer a ordem, o bem comum à todos. A intenção não é chegar a harmonia, pelo contrário, para os gregos o conflito é necessário, pois é estabelecido com ele o debate e a palavra que é o instrumento forte de autoridade política é disponibilizada a todos, com exceção das mulheres, escravos, crianças, velhos e estrangeiros (FERNANDES; JÚNIOR, s/d). Para Vernant (2002), o poder que era centralizado no *Agón*, o Rei que representava mais que um poder político, uma força quase sobrenatural, é desconstituído após a queda do sistema micênico e a nova vida política é estabelecida pela instituição da cidade e o nascimento do pensamento racional. É uma época de mudanças decisivas que lançam fundamentos para o regime da *Pólis* e asseguram a laicização do pensamento político e o advento da filosofia. (VERNANT, 2002, p. 11).

Neste novo contexto, a política e a disputa pela oratória de combate de argumentos realizados na *ágora* (praça pública) é que determina as regras na forma de um novo *agón*. A *Ágora* é um espaço público comum criado e instituído pela *pólis* que assumiu um importante papel em decorrência que seu surgimento, foi responsável por motivar mudanças no pensamento grego. A *Pólis* estabelece seu sistema político por meio de duas características. Primeiramente a palavra como instrumento político por excelência, que é essencialmente o exercício da linguagem, onde o argumento é manifestado como poder. Em segundo estabelece-se o interesse comum que deve ser discutido em práticas abertas ao propor a igualdade à todos. Para os gregos, só os semelhantes podem encontrar-se mutuamente unidos pela *philia* (amizade) e associados em um mesma comunidade (VERNANT, 2002, p. 65).

Na *pólis* é a existência de um interesse comum, do bem comum, e do pensamento que ela não pertence a um homem, ou a um grupo de homens, porém ao coletivo que respalda o pensamento grego, Nesta perspectiva, a cidade é um bem de todos e que por isso, deve preconizar os interesses comuns para que seja uma comunidade completa com o princípio de preservar a vida e assegurar a vida boa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(ARISTÓTELES, I, 1252b 27-30, 1998, p. 53). Para Aristóteles a construção da *pólis* está inserida no campo da construção da ética e da política, que são inseparáveis. De acordo com este pensamento, a ética, que não nasce com o homem mas que deve ser constituída ao longo da vida e as excelências só são alcançadas através do hábito, do acolhimento e do aperfeiçoamento que passam a constituir nossa natureza (ARISTÓTELES, II, 1, 1103a 25, 2009, p. 40). Por isso, desde pequeno e durante toda a vida é necessário ir se aperfeiçoando, tendo em vista o bem coletivo a despeito de interesses individuais, pois nesta concepção, o homem busca a excelência ao longo de toda sua vida.

Para Barros (1998, p. 4), Aristóteles assim como Platão, observava que na democracia a igualdade, como uma prioridade política, exprimia uma relação aritmética, enquanto na aristocracia referia-se a relação geométrica, portanto se regulava pelos indicadores que variam circunstancialmente, de mérito ou de poder, à medida que as pessoas desigualam. Esta autora afirma que para Aristóteles, a *pólis* é sempre o bem maior do qual todos, de alguma forma, participam. É nela que o indivíduo ganha uma nova condição, a de ser/estar em relação ao outro, de fazer parte, ou de ser parte. Este fazer e sentir parte do todo sendo para o pensamento grego a virtude do cidadão. A cidadania constituída a partir do pensamento aristotélico, resume-se à sabedoria do povo no governo dos muitos identificando-se com o governo dos pobres, mas legítimo pois está voltado para o bem comum (BARROS, 1998, p. 4).

A excelência ética é constituída entre prazer e sofrimento, pois a ética se dá pela liberdade de ser cidadão político que é uma escolha livre em prol do bem comum, e uma constante busca pela negação e combate de prazeres e comodidades do corpo. Para Aristóteles, o que incrementa a excelência da ética, se realizada ao contrário, também a destrói. Nesta concepção, ser ético é uma escolha assim, dizer que ninguém é mal voluntariamente e que ninguém é bem-aventurado involuntariamente, parece ser falso e verdadeiro ao mesmo tempo. É que se ninguém é bem-aventurado involuntariamente, a maldade por outro lado, é um ato voluntário (ARISTÓTELES, III,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

5, 1113b 15-18, 2009, p. 66). Desta forma, as escolhas, as decisões, definem também a coragem de acordo com o caráter. Konzem (2008, p. 52), afirma que os termos ética e moral da atualidade se distancia muito da concepção clássica grega. Para o autor, atualmente evidencia-se a falta de ética na política, na medicina, na comunicação e na educação. Em consonância com esta ideia Valls (1994), endossa que o lema máximo da ética na Grécia antiga era o “bem comum”, hoje a ética é reduzida ao particular, ao privado.

No pensamento aristotélico, para o corajoso, a coragem é nobre, bela, visto que para ser ético é preciso ser generoso, controlado com os gastos, magnânimo, honrado, sincero e justo, o que exige muita coragem. A justiça é virtude essencial na política e na vida da *pólis*, pois quem é justo não quererá para si mais do que é devido. Ou seja, o governante é o guardião da justiça, trabalha em prol dos outros (ARISTÓTELES, V, 6, 1134b 1 - 5, 2009, p. 116). A política é apresentada por Aristóteles como uma arte a ser aprendida ao longo da vida e que preparar o homem para lidar com as paixões, dominá-las em busca de uma vida excelente, da felicidade. Esta é entendida e fundamentada em três aspectos: a busca pela racionalidade, honra ao longo da vida e busca da vida excelente. É feliz quem vive e age bem, porque se pode dizer que a felicidade é quase um viver bem e um agir bem (ARISTÓTELES, I, 7, 1098b 20-23, 2009, p. 29).

Para o grego, não há felicidade na omissão, na comodidade e na individualidade. A felicidade só é possível através do bem comum, da negação dos prazeres, porque quem não se governa, nega a sua racionalidade, não consegue ser honrado e nem ter uma vida excelente, ética e política. Isto porque, não basta agir bem de vez em quando é necessário tornar hábito, um agir permanente. A política manifestada na *pólis* grega a partir da ética e do bem comum, é compreendida por Aristóteles como parte da natureza humana, uma vez que o homem difere de todos os outros animais por possuir a palavra que o potencializa a sentir o bem e o mal, o justo e o injusto e por isto todos devem participar do governo, da política.

A felicidade (eudaimonía) para Aristóteles está direcionada ao homem como



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um ser complexo, a partir de vários bens como a amizade, saúde e alguma riqueza. De acordo com Valls (1994, p. 30), nesta concepção a felicidade está relacionada a racionalidade, ou seja, o homem deve viver conforme a razão para alcançar a felicidade que não existe sem um conjunto dos melhores bens, apontados por Aristóteles pelo viver bem, o sentir e a razão, na medida em que a verdadeira felicidade só é alcançada pela virtude proporcionada por estes bens.

Aristóteles ressalta que para ser um cidadão da *pólis*, da política, é necessário ter algumas preocupações com relação a riqueza, a entrega aos prazeres, a vida fácil e a vaidade que desgovernam o homem e o afasta do princípio orientador. O cidadão é aquele que não é desqualificado por nenhuma deficiência (ARISTÓTELES, III, 1, 1275a 19-21, 1998, p. 197). Nesta concepção, o cidadão é quem tem o direito de participar e decidir pela *pólis*, sendo um político ético que possui virtude do homem bom, ao garantir o direito a todos os homens, que é alternadamente governado e governador, visando sempre uma vida virtuosa. Neste sentido, o meio para assegurar a justiça na *pólis* é a educação cívica entendida como educação para todos, para governantes e governados, por isso ela deve ser em parte a mesma e em parte diferente (ARISTÓTELES, VII, 1133a 42-43, 1998, p. 535).

A educação deve se dar acerca de tudo e ao longo da vida, com muito esforço e dedicação para tornar-se hábito. De acordo com Boto (2002, p.12), a educação deve ter a finalidade de formar o caráter e um conjunto de hábitos para assim preparar o cidadão em termos de atitudes e de autonomia. Por isso a importância da educação e do educador que como mestre deve ser imitado pelo discípulo, e portanto, a virtude, o hábito, a justiça, a amizade, o bom, o belo, a busca do bem comum e da felicidade vão ao encontro da vida excelente, a ser buscado constantemente por aquele que educa (BOTO, 2002, p. 21). A simples transmissão de conhecimentos sistematizados, prontos, constituídos e instituídos e de “modismos” em detrimento da criação e da invenção traz a morte do pensamento e, por consequência, da possibilidade de o homem humanizar-se. Uma educação verdadeiramente afirmativa da vida e democrática substitui a certeza pela imaginação, o determinado e o necessário pela contingência e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a liberdade (SILVA, 2008, p. 119).

Na sociedade contemporânea há uma constante busca pela especialização, no entanto, ao contrário do que propõe Aristóteles, tem-se preparado pessoas especialistas em distintas áreas do saber, e sobretudo, na esfera moral, falta compromisso com a vida comum, ilustrada no bem comum. De acordo com o pensamento aristotélico a formação necessita do ócio, do tempo dedicado a reflexões acuradas que possibilitem uma formação mais integral, pois nesta concepção, devem ser apreendidas e ensinadas coisas em função da diágonia, e que esses ensinamentos e aprendizagens precisam ser úteis em si mesmos, ao passo que as matérias que se referem ao trabalho são necessárias e úteis em função de outras coisas (ARISTÓTELES, VIII, 3, 1338a 9 -13, 1998, p. 567). Coelho (2009b, p.194), afirma que a cultura, a educação, a escola e a universidade não são serviços que situam na esfera do privado, do particular, das necessidades e interesse do capital, do consumo. Em contrapartida, estas instituições devem estar a serviço da construção da justiça e da cidadania.

Aristóteles destaca a preocupação em ensinar coisas úteis como a leitura e a escrita, não só pela utilidade, mas porque por intermédio podemos acender a muitas e diversificadas aprendizagens (ARISTÓTELES, VII, 1338a 36-39, 1998, p. 569). Contrariamente a esta concepção, a educação escolar atual na maioria das vezes tem verticalizado o ensino basicamente em conteúdos específicos ao focalizar grande quantidade de informações, sem se preocupar com a formação para a vida excelente. Neste sentido, é percebido que prepara os alunos apenas para o mercado de trabalho sem investir na formação cultural no que se refere a artes e saberes que constituem a cultura como a poesia, a literatura, a filosofia, entre outros saberes necessários à formação de um cidadão. De acordo com Chauí (2008, p. 63), vivemos em um contexto que discute a democratização da cultura, mas na realidade o que ocorre é a massificação da cultura. O valor cultural da atualidade é dado com relação a capacidade de expandir-se de modo globalizado e ligado aos ditames do mercado, o que tem desconsiderado o direito a cultura por parte da maioria das pessoas. Assim, a cultura é oferecida sem oportunizar o que realmente pode promover quanto a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formação de um cidadão por meio de uma política séria de formação cultural.

Trata-se, pois, de uma política cultural definida pela ideia de cidadania cultural, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (CHAUÍ, 2008, p. 66).

Em uma sociedade como a brasileira, fundada nos princípios de cidadania e democracia e pautada no privilégio de classe, em que as leis são criadas para atender o interesse da minoria privilegiada, dentro de uma “sociedade polarizada entre a carência absoluta das camadas populares e o privilégio absoluto das camadas dominantes e dirigentes” (CHAUÍ, 2008, p. 74), fica difícil a consolidação da democracia e principalmente a instituição da cultura verdadeira. Assim, Chauí (2008), afirma que a cultura como direito, quer dizer opor-se à política neoliberal estabelecida em nosso país. De acordo com Valls (1994, p.76) a massificação se refere as formas de relações sociais as quais o indivíduo se perde e se desvaloriza. Situações em que os homens são reduzidos a funções e atitudes passivas, vão desaparecendo a arte de falar e de se expressar e também perdendo a sua voz e vez. É o que acontece hoje em grande parte dos trabalhos nas fábricas e indústrias, frente as políticas demagógicas e diante do aparelho televisivo, não há reflexão, critica, debate, enfim, a construção do bem comum.

Considerando a justiça como primeira virtude da vida política, Aristóteles afirma que o bom cidadão, a excelência está voltada aos interesses do bem comum, pois para a felicidade do Estado é preciso considerar que a prudência é a única virtude específica para o governante (ARISTÓTELES, VIII, 1,1337a 19-21, 1998, p. 561). Aprofundando as discussões referentes a educação escolar, parece-nos que o homem contemporâneo não tem sido preparado para exercitar a autonomia, a liberdade, a cidadania e os valores e, dessa forma muitas vezes se “encanta” com o banal, o trivial,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o vulgar, o insignificante. (OLIVEIRA, 2009, p.165). Nesta perspectiva, o autor discute que a escola tem perdido sua essência, fundamentalidade, autonomia e sentido que seria de cultivar o pensamento, de apropriar do saber. Para que haja apropriação do saber é necessário que se realize na escola, e especificamente em sala de aula, um trabalho de dedicação, de reflexão, de cultivo a leitura. É preciso que haja tempo dedicado ao estudo, ao ócio, para que se institua a produção do saber. De acordo com Oliveira (2009, p.173), é visível na escola a não leitura e a existência de alunos habituados a leitura simplificada, como se a realidade pudesse ser algo simples e fácil de se desvelar. Não é perceptível o cultivo do hábito, da formação cultural, do exercício deliberado à reflexão, à cidadania, ao ser verdadeiramente humano (OLIVEIRA, 2009, p.175).

A leitura que se deseja como formação intelectual e cultural é como afirma Soares (2008, p. 30 – 31), o verbo ler no transitivo que pressupõe um processo complexo e multifacetado, dependente da natureza, do tipo, do gênero daquilo que se lê, e do objetivo que se tem ao ler. A escola como instituição de cultura, tem como finalidade superar os limites impostos pelo mundo neoliberal, que prepara apenas para o mercado de trabalho, sem ser contestadora e crítica (OLIVEIRA, 2009, p.175). Em função disso, a instituição escolar necessita centrar seu trabalho na atividade de pensar, e isto demanda tempo, dedicação, ética e muito esforço. Para Coelho (2009a, p. 207), a escola deve significar na vida do aluno um movimento de superação de limites, da pobreza e da banalização da existência coletiva e pessoal, em termos de cultura e de humanização. Entendendo a leitura como essencial para a dinamização deste processo formativo de pessoas éticas e cultas o autor afirma:

Compreende-se, então, o sentido e a importância do livro, da leitura, do estudo, das bibliotecas pessoais, sobretudo da criação e constante atualização de bibliotecas em cada cidade e escola, como bens fundamentais à constituição da existência coletiva, da vida pública, do bem comum e da escola como instituição por excelência da formação humana (COELHO, 2009a, p. 207).

De acordo com Coelho (2009a) sem um efetivo aprendizado e cultivo da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

leitura, da compreensão do que se lê, fala e ouve, sem se preocupar com a formação integral e ética dos alunos, dificilmente a escola, as pessoas e a sociedade serão verdadeiramente autônomas, livres e justas, haja visto que ao se preocupar e reduzir o conhecimento apenas ao saber fazer, a sociedade e a escola deixam de cultivar o pensamento, a criticidade e a reflexão. O livro transmite conhecimentos e informações, mas cabe a escola ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de duvidar, de interrogar, de pensar, de criar, de provocar-lhe a inteligência (COELHO, 2009a, p.212).

Em consonância com esta ideia, Soares (2008, p.33) afirma que a função e a obrigação da escola é dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura nos mais diversificados gêneros possíveis, isto porque o verbo ler precisa de complemento quando se trata principalmente de qualidade de leitura. Ressalta-se que para a formação do cidadão ético, preocupado com o bem comum, cultura, justiça e vida excelente, a educação escolar deve situar-se mais na esfera da razão, sensibilidade e imaginação, respeitando sempre o tempo necessário à leitura, a compreensão de textos, conceitos, argumentos e a elaboração própria do que foi lido e precisa ser compreendido, pensado e recriado (COELHO, 2009a, p. 212).

Coelho (2009c), afirma que a razão de ser da escola não é transmitir o saber, reduzido a conteúdo, a algo pronto e acabado, a ser servido, degustado e digerido, não é informar, instrumentalizar o aluno para a vida, ao contrário, é ajudar os alunos de todas as idades e em quaisquer situações a realizarem-se, confirmarem sua humanidade, formar seres autônomos e livres, que saibam ler, trabalhar intelectualmente, interrogar, pôr em questão as ideias, os conceitos, os juízos, os argumentos, a teoria e o que leem. Numa sociedade tecnocrática como a nossa, defender a filosofia contra o tecnicismo é lutar por uma educação comprometida com a liberdade, grávida do espírito da Paidéia grega, numa modernidade que a cada dia conspira silenciosamente contra a liberdade dos humanos (COELHO, 2009c, p. 26).

No âmbito do pensamento aristotélico, a educação é aquela capaz de desenvolver as condições necessárias para garantir a segurança do regime e a saúde



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do Estado. Por isso, ela não deve ser negligenciada pois, não deve se perder de vista a cidade perfeita e o cidadão feliz. Daí a importância do legislador estar preocupado com a educação. Para Mattos (2008, p. 78) na atualidade, no capitalismo contemporâneo, a vida em sociedade é uma relação de desconfiança e de medo em razão de que a comunidade política tem se sujeitado as contingências da fortuna e passado para o inverso da amizade (*phylia*) que é a única força capaz de impedir que as diferenças de posses, fama, honra, divida a sociedade. Isto porque, o que é de cada um é de todos e todos agem para cada um seja o que é e tenha o que tem por uma reciprocidade entre iguais. Esta *phylia* que hoje parece-nos inexistente, em virtude da dimensão de política hoje não mais é fundamentada na razão e no bem comum, mas na busca individualizada e irracional da própria felicidade.

De acordo com Soares (2002, p. 54), a cultura serve de compreensão das sociedades e por isto não podemos ignorar as relações de poder nelas estabelecidas, uma vez que a cultura é produto da história coletiva, cuja transformação e benefícios se ligam às forças sociais. Para a autora, apesar de ser uma construção coletiva, nas sociedades de classe como a nossa, o controle e os benefícios culturais não pertencem a todos, já que as relações sociais são marcadas por profundas desigualdades. Soares (2002) afirma que a leitura é um bem cultural produzido em sociedade e seu valor é gerado pelo contexto social, modelo cultural estabelecido. Coelho (2009b, p. 191) alerta, no entanto, que a cultura não deve ser fatiada, reduzida a coisa para ser oferecida de qualquer maneira à todos, pelo contrário, o estudo da poesia, da literatura, das artes e da filosofia deve ser oferecido à todos mas de modo que elas sejam interrogadas, compreendidas, pensadas e recriadas possibilitando a imaginação e a sensibilidade na formação de seres racionais, autônomos e livres.

Muitos problemas vivenciados atualmente dentro e fora das instituições escolares devem-se ao abandono e banalização de conceitos fundamentais para a vida em sociedade. Conceitos como ética, justiça, bem comum, vida excelente, moral, entre outros destacados e vivenciados na *pólis* grega, hoje quando abordados, são tratados de maneira superficial e simplificada. O bem comum deixa de existir em função do

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

interesse privado, a vida excelente é compreendida como acúmulo de bens. A ética e a justiça atendem a interesses particulares e individuais e a formação das pessoas é revestida de fragmentação para atender interesses do sistema capitalista. A cultura, geralmente banalizada, atende ao sistema mercadológico tornando-se descartável e vulnerável.

Hoje, os indivíduos são valorizados, avaliados, idolatrados ou ignorados pelo que têm e consomem, pela aparência corporal, pelo que alcançaram em termos de dinheiro, poder e sucesso (COELHO, 2009c, p.16) e não pelo que fizeram em prol da humanidade, pelo bem comum. Para este autor, na *Paideia*, educar é formar, dar forma, traduzir e realizar o ideal da excelência e de perfeição na concretude da existência, esculpindo a humanidade, a sociedade e o homem excelentes na vida da *pólis* e dos homens. A escola só existe enquanto obra de cultura, educação e formação. O livro como obra cultural amplia e aprofunda horizontes, torna possíveis novas formas de compreensão e abre novas possibilidades de pensamento e de ação, novas formas de ver e de agir (COELHO, 2009c, p. 19 - 20).

Entendendo a educação, o uso apropriado da leitura e da cultura, como instrumentos capazes de transformar a realidade vivenciada na atualidade, a reflexão que hora retratamos teve o propósito de retomar conceitos fundantes na *pólis* grega na tentativa de compreender a contribuição e a riqueza do pensamento aristotélico ainda atual e necessário para a vida em sociedade. Acreditamos que por meio da educação é possível constituir e reconstituir a excelência moral da alma humana em crise em nossa sociedade. Através de uma educação significativa o homem toma as rédeas de sua racionalidade e constitui o *ethos* em que a excelência consista em buscar o que é melhor, o que é excelente para todos e não apenas para si, discernindo assim a moral e a ética como parte da natureza humana e fundamental na sociedade de qualquer época.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. Vega Universidade/Ciências Sociais e Políticas, 1998.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Atlas, 2009.

BOTO, C. “A ética de Aristóteles e a educação.” Trabalho apresentado na I Semana de Estudos Clássicos e Educação, FEUSP, abril 2002. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur16/carlota.htm>. Acesso em 20/03/2014.

BARROS, G. N. M. “Polis, Política e Cidadania.” V Encontro de Pesquisadores em Filosofia Brasileira. **Cadernos de História & Filosofia da Educação**, São Paulo: Humanistas, vol. II, nº 4, 1998, p. 63-73. Disponível em <http://www.paideuma.net/polipoliticaecidadania.doc>. Acesso em 15/03/2014.

CHAUI, M. ‘Cultura e democracia.’ Em: *Crítica y emancipación: Revista latino-americana de Ciências Sociais*. Año 1, no. 1 (jun. 2008). Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em <http://biblioteca virtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em 15/03/2014.

COELHO, I. M. Escola e formação de professores. In: COELHO, I. M. (org.) **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009a.

_____. Cultura, educação e escola. In: COELHO, Ildeu M. (org.) **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009b.

_____. Filosofia, educação, cultura e formação: uma introdução. In: COELHO, I. M. (org.) **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009c.

FERNANDES, C. A.; JUNIOR, R.O. F. “A história da filosofia antiga e a formação do pensamento ocidental.” Centro de Pesquisas Estratégicas Paulino Soares de Souza – Universidade Federal de Juiz de Fora, s.d. Disponível em <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/HFAEPO.pdf>. Acesso em 15/03/2014

GUIMARÃES, G. Os sentidos da formação para os gregos. In: COELHO, I. M. (org.) **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

KONZEN, J.O. Hábito e formação do homem virtuoso na *Ética a Nicômacos*. In: COELHO, I. M. (org.) **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.

MATOS, O. C. F. “Ethos e amizade: a morada do homem. Ide psicanálise e cultura”. São Paulo, 2008, 31 (46) 75 – 79. Disponível em <http://www.pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n46/v31n46a13.pdf>. Acesso em 15/03/2014

OLIVEIRA, J. S. *Ética, cultura, educação e escola hoje*. In: COELHO, I. M. (org.) **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2009.

ROCHA, Z. “O amigo, um outro si mesmo: a *Philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles.” *Psychê* – Ano X – nº 17 – São Paulo – Jan-jun/2006 – p. 65-86.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v10n17/v10n17a05.pdf>. Acesso em 20/03/2014.

SOARES, M. *Ler, verbo transitivo*. In: PAIVA, A. [et al] (Org.). **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2008.

----- . **Programas Nacionais de leitura no Brasil: O PROLER e o PRÓ-LEITURA (1995-2000)**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Minas Gerais, Minas Gerais, 2002.

VALLS, A. L. M. **O que é ética**. Coleção Primeiros Passos Nº 177. Editora Brasiliense, 1994. Disponível em <http://www.fara.edu.br/site/serviços/downloads/colecao/etica.pdf>. Acesso em 15/03/2014

VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro, Difel, 2002